

PERCEPÇÕES HISTÓRICAS SOBRE O SURDO E SOBRE A SURDEZ

Retextualização do Capítulo 1 de Oliveira (2017)

NILTON AZEVEDO DE OLIVEIRA NETO
SEBASTIÃO REIS DE OLIVEIRA





O trabalho “**PERCEPÇÕES HISTÓRICAS SOBRE O SURDO E SOBRE A SURDEZ**, retextualização do Capítulo 1 de Oliveira (2017)” de Nilton Azevedo de Oliveira Neto e Sebastião Reis de Oliveira está licenciado com uma licença *Creative Commons – Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional*.

Características desta Licença (BY, NC, ND):

- ✓ *Permite adaptações? Não!*
- ✓ *Permite comercialização? Não!*
- ✓ *Permite distribuição? Sim! Desde que este material seja compartilhado na íntegra.*

Diga NÃO ao plágio! Plágio é crime! Cite e referencie corretamente, sempre!

Apresentação

Você saberia dizer, com suas próprias palavras, o que é *retextualização*?

De forma simples, retextualizar é algo próximo de reescrever um texto mudando o gênero literário. De acordo com Cavalcante e Marcuschi (2007), há pelo menos quatro possibilidades de retextualização: da fala para a escrita; da fala para a fala; da escrita para a fala; da escrita para a escrita. Nesse sentido, quando você faz a leitura de uma notícia depois conta essa notícia para outras pessoas com as suas próprias palavras, está fazendo uma retextualização (TARGINO, 2017).

Feita esta explicação, vamos tratar agora sobre este pequeno *e-book*.

Pois é, as páginas a seguir são uma retextualização (da escrita para a escrita) do primeiro capítulo da Dissertação de Mestrado de Oliveira (2017). O gênero literário escolhido para isso foi a Literatura de Cordel.

Claro que há muito mais lá na dissertação, as estrofes foram construídas com o objetivo específico de elucidar as principais concepções sobre o surdo e

sobre a surdez nos quatro períodos históricos: Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna, e Idade Contemporânea, conforme apresenta Oliveira (2017). Por esse motivo, recomendamos que após a leitura deste mini *e-book* você leia também a dissertação completa para enriquecer o seu conhecimento sobre o assunto.

Tá, mas essa retextualização foi elaborada quando e para quê?

Este trabalho foi elaborado em maio de 2021 e apresentado em dois contextos diferentes. Primeiramente, foi apresentado como atividade semanal individual de Libras, disciplina do segundo período do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado do Amazonas.¹ Em seguida, foi também apresentado como atividade final do Curso de Extensão *Divulgação Científica em meio à pandemia*, da mesma universidade.²

No contexto da divulgação científica, queremos destacar a relevância da retextualização

¹ Ministrada pelo Prof. Me. Sebastião Reis de Oliveira.

² Ministrado pelas seguintes professoras: Dra. Vivian Battaini, Dra. Rosilene Gomes, e Dra. Érica Speglish. Monitores: graduando Wesley Robert, e graduanda Rayane Farias.

dos mais diversos gêneros, para a Literatura de Cordel, tanto para o autor quanto para o leitor.

Para o autor, a retextualização é um fecundo processo de aprendizagem, ressignificação e (auto)transformação. Isso porque o resultado dela é sempre um novo texto que se estende para além, muito além da mera reprodução ou reescrita. Nesse sentido, a compreensão do texto de origem, e um posicionamento ativo, crítico e reflexivo são parte dos requisitos essenciais no processo de retextualização.

Para o leitor, a retextualização pode representar uma significativa aproximação entre o conhecimento científico e o seu cotidiano. Tal como os versos a seguir, que trazem à baila discussões importantes de um trabalho acadêmico-científico, só que de maneira breve, leve e descontraída.

De modo particular, quanto à Língua Brasileira de Sinais (Libras), ao surdo e à surdez, são muitas as dúvidas e *pré-concepções* que rondam nosso entorno. É mímica? Possui uma grafia? O surdo vive no silêncio absoluto? A surdez é uma deficiência? É hereditária? O que é deficiência, afinal? Por que a Libras não é um componente curricular obrigatório

na Educação Básica (GESSER, 2009; MENDONÇA *et al.*, 2018)? A partir das estrofes a seguir, questões como essas podem ser problematizadas.

De modo geral, há muitos outros temas importantes que podem ser aproximados por meio da retextualização para a poesia, como questões relacionadas à pandemia de Covid-19, por exemplo.

Diante dessas elucidações, esperamos que os versos a seguir contribuam diretamente para a divulgação e compreensão das percepções históricas acerca do surdo e da surdez. Esperamos também que sirva de motivação, de forma indireta, para a produção de outros materiais com objetivos similares.

Percepções históricas sobre o surdo e sobre a surdez

*Falante, ouvinte, vidente,
E alguns conceitos mais
Desde que acumulados,
Tornam os seres “normais”.*

Esse é um pensamento
Que tem proporções globais.

Com o surdo, por exemplo,
A história foi cruel.
Muitos povos e culturas
Trataram-no como réu,
Igual à maldade insana
Que Caim fez a Abel.

Na cultura do Egito
O surdo era venerado
Como um grande mensageiro
Pelos deuses, enviado.
Com essas prerrogativas
Era temido e cuidado.

Qual garoto de recado,
Confidente ou porta-voz,
Entre altas divindades
E os grandes Faraós.
Mas mantinham-no recluso
No isolamento atroz.

Na Grécia de Aristóteles,
Berço da Filosofia,
A surdez nada mais era
Que uma triste atrofia.
Assim, quem nascesse surdo,
Não teria serventia.

Para ter algum valor
Tinha que ser militar,
Crânio em arte, em ciência,
E eloquente no falar;
Entender de astrologia,
Ser forte e saber jogar.

Na Roma do grande Nero
Ser surdo era mais difícil.
Representava ameaça
Para a vida do patrício!
Era até legal³ matá-lo
Em forma de sacrifício.

Mesmo no meio do povo
Que usava as Escrituras
O surdo não se viu livre
De indizíveis agruras:
A surdez era castigo
Que precisava de curas.

Assim era no início
Da concepção *Cristã*.
Acreditavam que o surdo
Não era pessoa sã;
Criam também que ele era
Possesso pelo Satã.

³ Caso tenha ficado dúvidas, o termo **“legal”** aqui indica Legalização pela lei romana.

Depois veio a Idade Média,
Ou *Era da escuridão*.
Nesse período o surdo
Não podia ser cristão,
A igreja o condenava
À eterna perdição.

O surdo não poderia
Proferir os sacramentos,
A surdez o impediria
De cumprir tais “mandamentos”.
Muitos surdos padeceram
Sob esses ensinamentos.

Chega a Idade Moderna
Com alguns raios da aurora.
A opressão religiosa
Começa a ficar de fora,
Enquanto o saber científico
Aos pouquinhos se aflora.

Cientistas defenderam
Que a surdez é normal,
E, que, quanto à aprendizagem,
Ela não faz nenhum mal.
Houve um monge que até fez
Um alfabeto manual.

Aí chega, finalmente,
A Contemporaneidade
E com ela alguns avanços
Reconhecendo a verdade
Sobre a cultura surda
E a sua identidade.

Reconhecendo também
Que a “linguagem” gestual
Nasceu e desenvolveu-se
De maneira natural
Como qualquer outra língua
Como a própria língua oral.

Desta forma, temos hoje
A língua sinalizada
E no caso do Brasil
Foi oficializada
Sob o nome de Libras
Para ser por nós usada.

Depois destes simples versos
Sabemos um pouco mais
E muitos dos preconceitos
Já ficaram para trás,
Que *os outros* morram à míngua!⁴
Viva o surdo, viva a *Língua*
Brasileira de Sinais!

⁴Caso tenha ficado dúvidas, o trecho “os outros” refere-se aos preconceitos.

Provocação

Considerando a sua concepção atual sobre o surdo e sobre a surdez, você se encaixaria em algum dos grupos anteriores?

Referências

CAVALCANTE, Mariane C. B.; MARCUSCHI, Beth; Formas de observação da oralidade e da escrita em gêneros diversos. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GESSER, Audrei. **Libras?, que língua é essa?**, crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva (org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MENDONÇA, Lorena Medeiros de; *et al.* A importância de Libras como componente curricular na Educação Básica. **Educação, Saberes e Práticas**. ISSN: 2357-84245. v. 7, n. 1, 2018.

OLIVEIRA, Sebastião Reis de. **As formações discursivas sobre “ser surdo” na escola inclusiva**. Orientadora: Claudiana Nair Pothin Narzetti da Costa. 2017. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Escola Superior de Artes e Turismo/Escola Normal Superior, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2017.

TARGINO, Arcenira Resende Lopes. **Textos literários de divulgação científica na elaboração e aplicação de uma sequência didática sobre a lei periódica dos elementos químicos**. Orientador: Marcelo Giordan. 2017. 346 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo–USP, São Paulo, 2017.

Sobre os autores

NILTON AZEVEDO DE OLIVEIRA NETO

Formação. Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (IFAM), Esp. em Ensino de Química (Cândido Mendes), Esp. em Metodologia de Ensino de Ciências da Natureza (Estácio de Sá), Licenciatura em Ciências: Biologia e Química (UFAM), Estudante de Matemática.

SEBASTIÃO REIS DE OLIVEIRA

Formação. Mestrado em Letras e Artes (UEA), Esp. em Educação Inclusiva (UFAM), Graduação em Normal Superior (UEA), Graduação em Pedagogia (UNIASSELVI), Bacharelado em Letras-LIBRAS (UFSC), Certificação em Proficiência no Uso e no Ensino da Língua Brasileira de Sinais e Educação Especial (UFSC).

Atuação. Docente na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais.